

Lula admite restrição

VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

A pesar de a equipe econômica ter trabalhado intensamente nos bastidores para dissipar os rumores de que o governo está preparando medidas para conter a entrada de capitais de curto prazo no país, o presidente Lula manteve abertas as portas para eventuais restrições. Em Manaus (AM), onde subiu no palanque para inaugurar obras públicas, Lula admitiu que o país "banirá o capital especulativo" que insistir em vir para o Brasil. Na segunda-feira à noite, em entrevista ao *Jornal da Cultura*, o presidente já havia feito tal alerta. "Para inhibir esse (capital), nós já criamos o IOF (Imposto sobre Operações Financeiras) de 1,5%. E, se for preciso, cria-se mais. O Conselho Monetário (Nacional) saberá o momento adequado de discutir isso."

Somente a ameaça do governo foi suficiente para elevar o preço do dólar pelo segundo dia consecutivo. A moeda americana encerrou as negociações de ontem cotada a R\$ 1,660 para venda, com alta de 0,18%. A expectativa dos analistas era de que, com a promoção do Brasil a grau de investimento pela agência Standard & Poor's, o dólar já abrisse a semana desabando para um patamar próximo de R\$ 1,60. Esse movimento seria sustentado por um fluxo maior de recursos para o país, em especial de fundos de pensão que não podiam aplicar aqui pela falta do selo de qualidade emitido pelas agências de classificação de risco. Realmente, o Banco Central verificou aumento na entrada de recursos no Brasil. Mas nada que indicasse exageros, devido à grande diferença entre as taxas de juros pagas aqui (11,75% ao ano) e as praticadas nas principais economias do mundo (em média, de 2% ao ano). É esse dinheiro que o governo não quer circulando pelo mercado.

Independentemente das ressalvas, Lula disse não temer a esperada "enxurrada" de recursos estrangeiros para o Brasil. "Eu passei a vida inteira ouvindo os economistas dizerem que era preciso entrar dólar no país. A vida inteira. Agora que tem jeito de entrar vamos ficar com medo? Não", afirmou. Segundo o presidente, o que se quer é o capital produtivo. "Para o dinheiro que vem investir numa fábrica, temos que dizer: pode vir dólar, pode vir euro, pode vir o que quiser. O povo brasileiro não tem preconceito contra dinheiro. O povo brasileiro tem preconceito contra a miséria" assinalou, ressaltando que o Brasil tornou-se grau de investimento "porque toma conta do seu nariz", decide sua política econômica, decide o que quer fazer. "Mas sempre digo a meus ministros: cautela e caldo de galinha não fazem mal a ninguém."

Política industrial

No que depender da equipe econômica, o governo agirá em várias frentes para corrigir as distorções provocadas por uma queda mais acentuada no dólar, que já prejudica as exportações e tem levado a déficits crescentes nas contas externas do país.



Uma dessas frentes é a política industrial que será lançada por Lula no próximo dia 12 de maio, no Rio. Segundo o ministro da Fazenda, Guido Mantega, o conjunto de medidas incentivará os investimentos produtivos e desonera as exportações, tornando os produtos brasileiros de maior valor agregado (carro, avião e celular, por exemplo) mais competitivos no exterior. O Ministério do Desenvolvimento faz, no entanto, uma ressalva: não há como jogar tanta expectativa sobre a política industrial para resolver problemas de curto prazo, já que o pacote terá efeito ao longo de três anos.

Mantega também enfatizou que ainda é cedo para se falar em aumento do IOF sobre o capital estrangeiro direcionado para aplicações de renda fixa, pois a taxação, em vigor desde 17 de março, ainda não apresentou números concretos para se avaliar seus efeitos. No BC, o sentimento é de que os dólares que entrão no país nos próximos meses atraídos pelo grau de investimento virão de forma gradual e o sistema de câmbio flutuante será

suficiente para corrigir eventuais distorções. Além disso, destacam técnicos do banco, não adianta o Brasil brigar sozinho contra um movimento de perda mundial do valor do dólar. Na avaliação de Vitoria Sadi, economista para a América Latina da Consultoria RGE Monitor, com sede em Nova York, o

debate sobre controle de capitais no Brasil é descabido e não deve prosperar. Segundo ela, o processo de valorização da moeda de países alçados a grau de investimento ocorreu em todo o mundo, e não será diferente no Brasil. "No México e no Chile, que já receberam o selo de qualidade das agências de risco há

mais tempo, as divisas locais subiram entre 20% e 30% frente ao dólar no primeiro ano do grau de investimento. Portanto, não me surpreenderei se, até dezembro, o dólar for cotado a R\$ 1,55 no Brasil", disse.

Para Fernando Barroso, diretor do Banco Banif Investimentos, o melhor que o governo tem

a fazer neste momento, em que há desconforto com a cotação do dólar e com a possibilidade de o déficit nas contas externas superar os US\$ 20 bilhões neste ano, é seguir o conselho de Lisa Schineller, analista da Standard & Poor's: "Cortar gastos, para reduzir o volume de impostos e o peso do Estado na economia."